ANNO 8.º — Sexta-feira, 11 de Fevereiro de 1916 — NUMERO 403

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

Propriedade da Empresa

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

(AVENÇA)

Os ultimos acontecimentos

A PROPOSITO

Como é sabido, com o pretexto da crise das subsistencias, rebentaram em Lisboa, Cascaes, Evora, Redondo, etc. incidentes tumultuosos, quasi scenas de insurreição, que tiveram como factos de maior gravidade, alem dos prejuizos materiaes, a morte dum policia em Lisboa e o espancamento do administrador do concelho de Redondo.

Tratar-se-á de espontaneos, posto que contraproducentes, movimentos populares, derivados da angustiosa crise que vamos atravessando?

De fórma alguma.

Para o demonstrar basta a simultaneidade do movimento em localidades tão distantes entre si, a fórma como os desordeiros se houveram e os boatos, que vinham correndo, de estarem na forja graves perturbações da ordem publica.

Houve, pois, uma conspiração organisada com certo cuidado e bem apetrechada de bombas e foi essa conspiração que exibiu nas ruas da capital e das outras povoações as scenas de selvageria da noite de 29 para 30 de janeiro ultimo. Houve, pois, uma conspiração.

Promovida por quem?

Evidentemente por sindicalistas e batoteiros, ferozes inimigos do partido Democratico, e fomentada, ou, pelo menos, aplaudida, ostensiva, ou ocultamente por monarquicos e por muitos dos que, dizendo-se republicanos, ou sendo-o realmente, não hesitam, levados pelo velho rancor que nutrem contra o partido agora no poder, em se socorrer, para o derribar, dos mais baixos, vis e até contraproducentes processos.

O que agora se deu foi a reedição dos sujos, dos infames manejos postos em scena de todas as vezes que o partido Democratico é governo. O pretexto foi outro, mas os organisadores devem ter sido os mesmos e identicos os fins.

Sempre que o partido Democratico está na posse do poder, um bando hibrido, sem escrupulos, sem pudor e, até, sem critério, lança mão dos mais inqualificaveis meios de combate, para o expulsar das ambicionadas pastas. A comunhão no mesmo odio serve de traço de união aos heterogeneos elementos do referido bando e, ao impulso da inveja, do rancor, da ambição desordenada, de todos os ruins sentimentos da alma humana, vão-los a manobrar de acordo.

Ora vejâmos.

* * *

Afonso Costa, tendo pedido a demissão o gabinete Duarte Leite, organiza em 9 de janeiro de 1913, o primeiro ministerio democratico.

Pois logo em 27 de abril seguinte, pela madrugada, rebenta em Lisboa um singular movimento insurreccional, com assaltos aos quarteis, de um dos quaes, o de infanteria 5, chegam a saír umas 30 praças, em breve capturadas, bem como o capitão que as comandava.

Dias depois, em 10 de junho, é lançada na rua do Carmo, sobre o cortejo de homenagem a Camões, uma bomba que mata uma ou duas pessoas e fere gravemente diversas.

Em 21 de outubro do mesmo ano, pela madrugada, vem á luz, em Lisboa, um movimento monarquico, com ramificações em varios pontos do país e os habituaes córtes das linhas ferreas e telegraficas. Nele tomou parte preponderante a policia de duas das esquadras de Lisboa.

Como os antecedentes, foi este movimento revolucionario rapidamente dominado.

Mas não desanimaram, com estes repetidos insucessos, os baixos inimigos do Partido Republicano Português e da Republica.

Em janeiro de 1914 surge a grève dos empregados da Companhia Portuguêza dos Caminhos de Ferro, que se prolongou de 14 a 24 do mesmo mez. E logo os desordeiros profissionaes, aproveitando o ensejo, tentam fazer em Lisboa, nos dias 21 e 22, a grève geral.

O ministerio democratico cáe, por fim, a 26 de janeiro. Nessa mesma noite, uma manifestação a favor do governo demissionario é atacada a tiro e á bomba nas ruas de Lisboa. E, nos dias subsequentes, dão-se na capital curiosas scenas de desvairamento, de insensatez. Numa delas, um bando de sindicalistas, de batoteiros e de admiradores de Machado Santos, capitaneados pelo *heroe da Rotunda* em pessoa, chega a ir a Belem, entregar ao presidente Arriaga uma mensagem pedindo o afastamento dos democraticos do poder! E isto em nome da Nação!

A Nação a ter como interprete dos seus desejos uma malta de arruaceiros, acaudilhada por um invejoso de ruins figados e curtas vistas!

Em 2 de fevereiro, ao termo de uma crise de oito dias, assume o poder o gabinete Bernardino Machado, no qual entram tres democraticos—Tomaz Cabreira e drs. Manuel Monteiro e Aquiles Gonçalves—sendo os restantes ministros republicanos independentes.

Pois logo a 23 do mez de junho seguinte é o gabinete, 'mercê dos ataques facciosos da oposição, obrigado a recompôr-se, saíndo os tres ministros democraticos.

Que prova toda esta série de factos, que vimos sumariando e que, por serem de hontem, devem estar ainda na memoria de todos?

Indiscutivelmente, indubitavelmente, prova que os restantes partidos fizeram sempre ao Democratico uma guerra feroz, uma guerra á prussiana, da qual nenhum processo, por mais baixo e vil e até antagonico com os mais altos interesses nacionaes, era excluido.

Mas continuemos, porque pela continuação, vêr-se-á isto ainda mais claramente.

Até ao fim desse ano de 1914, sindicalistas, batoteiros, machadistas, evolucionistas e unionistas, vendo o partido Democratico fóra do poder, respiram, rejubilam e socegam.

Só os monarquicos, trabalhando por conta propria e, desta vez, certamente instigados pela espionagem alemã, é que deram sinal de si, saíndo a campo na madrugada de 20 de outubro. Córtes nas linhas ferreas, revolta em Mafra do tenente Constancio e dalguns soldados, etc. Tudo prontamente dominado, seguiu o ano em paz até quasi ao fim.

Porém, em meados de dezembro deu-se um caso estupendo: os Democraticos, os odiados Democraticos voltam ao Poder!

Com efeito, a 12 desse mez, tomava posse dos sêlos do Estado o gabinete Azevedo Coutinho.

O furor quasi que deu com sindicalistas, batoteiros, machadistas, evolucionistas, unionistas e monarquicos em Rilhafoles, ameaçando priva-los das ultimas particulas do senso comum.

Pois podia lá ser! Os Democraticos senhores do mando! Os Democraticos, que o sr. Machado Santos e as suas *tropas gloriosas* da expedição a Belem tinham proibido que voltassem ao Poder, novamente instalados no Terreiro do Paço?!

A furia planejava e o que, acima de tudo, a levava ao cumulo, ameaçando dar com os furiosos em doidos furiosissimos, era o facto do novo gabinete ir proceder ás eleições geraes.

Pois podia lá admitir-se semelhante atrocidade?! Os Democraticos a presidirem a umas eleições geraes?! As urnas, livremente consultadas, dariam a genuina expressão do sentir nacional—uma esmagadora maioria democratica e 7 unionistas, 11 evolucionistas, 1 monarquico-clerical e nem sombra de deputado sindicalista, machadista, ou batoteiro—e lá ficava reduzida á sua verdadeira expressão, a da impotencia, a da nulidade, a duma mesquinha minoria, a lenda da força das oposições! Lá se evolavam para as longinquas, as inatingiveis regiões da quimera, as pastas ardentemente apetecidas... Não podia ser! Era preciso evitar a todo o custo semelhante descalabro...

Deste torvo, deste alucinado estado d'alma, explorado pela cobardia e pelos interesses alemães, nasceu a golpe de Estado de 25 de janeiro de 1915, antecedido de cinco dias pela revolta da oficialidade de alguns regimentos.

Com o Pimenta de Castro no Poder, as gentes da oposição pularam de alegria.

Agora é que se ia fazer uma bôa montaria aos Democraticos, como prefacio de umas eleições, que dariam farto bôdo de deputados a todos esses partidos sem partidarios, nem votos...

Está ainda na memoria de todos o que foi a torpe ditadura pimentista, a cujos atropelos, infamias e tolices veio pôr termo á revolução de 14 de maio.

Por isso, limitamo-nos a acentuar que ela foi especialmente dirigida contra o Partido Democratico e que teve, quasi até final, a cumplicidade tácita, quando não o ostensivo apoio de todos os agrupamentos partidarios adversos a este mesmo partido.

Triunfante a revolução, esmagados pela espada da Justiça os sectarios vís duma abjecta politica de odios, de deslealdades, de artimanhas e de perfidias, o país respira.

Constitue-se o ministerio José de Castro; realizam-se as eleições, as temidas eleições, as tão adiadas eleições e a voz das urnas, librrimamente consultadas, dá o seu sufragio a quem tem a força eleitoral, alcançando o Partido Republicano Português maiorias esmagadoras.

Em face do tão receado, mas inevitavel fenomeno, as traiçoeiras oposições de perfidos discolos esitam, acobardam-se, emudecem, entrando até muitos dos seus a debandar para o Partido Democratico.

A indicação das urnas era clara: quem devia governar eram os democraticos. Por isso era sensato estar com eles... Sensato e util...

Varias causas, porém, a principal das quaes foi a doença do seu eminente chefe, retardaram a ascensão ao Poder do Partido Republicano Português. E, no entretanto, o gabinete José de Castro, cumprida a sua missão, que fôra, sobretudo, presidir imparcialmente ás eleições geraes, ia arrastando uma vida artificial, só entrecortada pelo incidente, já agora crónico da tentativa anual de rebelião monarquica, que, nesse ano de 1915, se efectua em Braga, Guimarães e outras terras do Minho, a 27 de agosto.

A 5 de outubro assume Bernardino Machado a presidencia da Republica e, por fim, a 29 de novembro toma conta do Poder o ministerio Democratico que presentemente está dirigindo os destinos da nação.

* * *

O ano de 1915 encerrou-se em socêgo, mas, com a entrada do ano corrente, as oposições começam a despertar do seu acabrunhamento.

Primeiro vem a habitual campanha jornalistica.

Os papeis de varias côres e feitios — republicanos despeitados, republicanos fingidos, monarquicos sem mascara, etc.—entram a desfiar o usual rosario de perfidias, inepcias e calunias.

Que o país corre para o abismo, brada, aflicto, o do unionismo; que a divida publica, nos dois ultimos anos cresceu 200:000 contos, sustenta com larga copia de argumentos, o do coléga na arte de Esculapio; que as notas falsas em circulação foram fabricadas e espalhadas pelos democraticos, insinuam os monarquicos disfarçados em republicanos; e que certo parente dum politico ilustre, depois de calotear meio mundo, se abotoou com uns tantos contos do Estado, fugindo para o estrangeiro, propalam os monarquicos sem mascara, apressando-se todos os outros a reproduzir o boato. E com tal entono tudo isto é dito que, se não fossem assaz conhecidos, se lhes daria credito...

Esta campanha de má lingua não é, porém, o bastante. E' preciso mais; é preciso apelar para a desordem, já tantas vezes empregada como arma eficaz.

A fome, como consequencia fatal da guerra europeia e da especulação comercial, aflige o mundo inteiro e em especial as classes pobres.

Especule-se, pois, com a fome.

A *coisa* combina-se; uns organizam, outros incitam, outros, tacitamente, aplaudem.

Declare-se, portanto, o govêrno responsavel pela fome, já que seria ultra-absurdo responsabilisa-lo pela guerra europeia, e venha a desordem para a rua.

Assim, nasceram os acontecimentos de 29 e 30 de janeiro ultimo em Lisboa, Evora, Cascaes, etc., que é preciso não confundir com as espontaneas manifestações populares de revolta contra a carestia da vida, que a cada momento estão surgindo por todo o país.

Uns e outros teem caracteres distinctos, que inteiramente os deferenciam. Basta comparar o modo de proceder dos grevistas da Guarda, ou do povo sublevado de Ermezinde com o dos desordeiros de Lisboa, Evora e Cascaes, que, em vez de açambarcadores, atacam os retalhistas e que destroem mais do que roubam.

Isto diz tudo e mostra bem o dedo da especulação politica, esplorando com a mizeria publica.

Ora, se são odiosos e dignos de severa repressão os açambarcadores, os que procuram encher a bolsa á custa da fome do povo, não o são menos os especuladores que tentam explorar essa mesma fome em beneficio dos seus inconfessaveis interesses partidarios.

Uns e outros são merecedores da mais energica repressão, que, no caso dos segundos, deve subir dos executores aos mandatarios, e que, a bem do socêgo publico e dos mais altos interesses nacionaes, urge lhes seja aplicada.

Os bustos e a estação de Aveiro

SERÁ ASSIM?

No diario, o *Mundo*, e outros jornaes de Lisboa e Porto lemos o seguinte:

Parece que, para evitar questões locais, que se têm levantado, os azulejos de que será revestida a estação do caminho de ferro de Aveiro não conterão busto algum de aveirenses, como se projectava.

Haverá talvez quem pense que tal noticia nos enche de desmedido orgulho por ela representar o triunfo da causa que aqui sustentamos. Contudo, a verdade é esta: essa noticia traz-nos apenas a passageira satisfação do dever cumprido, dever que, vemos, encontrou no espirito de muitos homens, nomeadamente da Direcção da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses, a inconfundivel razão justificativa da campanha sustentada e mantida para que se não cometesse uma heresia historica, um erro gráve e duramente ofensivo para a memoria dum dos mais ilustres portuguêses, gloria inapagavel desta terra!

Tivémos de opôr á desmedida vaidade e calculo politico dos *firminos*, protegidos sempre nas suas mais inaceitaveis e inoportunas tentativas pelo sr. Barbosa de Magalhães, que em Lisboa é deles procurador desvelado, tivémos de opôr, diziamos, o nosso esforço atravez de todas as contingencias para que se não consumasse o maior dos erros, a maior das afrontas á historia e á propria existencia dos que pretendiam defrontar.

Não nos animou outro sentimento, não nos moveu outra ideia.

A nossa atitude seria precisamente a mesma se em vez do retrato de Manuel Firmino, fosse o de outro qualquer politico com identicos defeitos que se pretendesse colocar em confronto com o de José Estevam.

Mas no caso presente existiam ainda, quasi que vivas por assim dizer, razões de tal ordem justificadas em todos os processos de desocredito e de incompatibilidade empregados contra aquele com que pretendiam igualar o seu mais desleal inimigo, que as proprias pedras da calçada se levantariam em face de tão estulta quanto repugnante tentativa!

Ao nosso lado, segundo se afirma, protestando tambem, colocou-se o filho do grande patriota, a quem, por certo, mais que a ninguem repugnava o confronto entre seu pae e o seu inimigo e detrator em todos os campos e em todas as situações.

Essa pretendida monstruosidade, que o cerebro dum cretino levantou, infelizmente apoiada pela vaidade duns e pela ganancia politica doutros, com um pequeno grupo de *videirinhos*, eternos pescadores de aguas turvas e entoar hossanas, caíu, segundo se depreende, como não podia deixar de ser, para honra dos honestos e dignos patriotas de todos os campos politicos.

Não batemos as palmas nem acendemos luminarias. Isso fariam o *genial* autor da desgraçada ideia e os seus sequazes, se por deante fosse a tentativa em que se envolveram. Não dispensâmos, todavia, o quinhão a que temos direito em mais esta luta, pois aqui foi erguido o primeiro grito de alarme logo que tivémos conhecimento do aviltante confronto que se pretendia estabelecer sem respeito algum pelo bom nome da terra, cujas tradições liberais é preciso manter altivamente, briosamente, a menos que a queiram transformar num burgo pôdre ás ordens dos seus eternos exploradores.

Politiquice

«Em vez de estudar assuntos importantes, cuja solução urge, e enquanto o povo luta com a crise que lhe torna a vida dificilima, a câmara dos deputados gasta os dias a discutir o que se discutiu na comissão que deveria inquerir do incendio de Santa Clara.

Não póde ser! Para que se não diga que o que se quer é ludibriar o povo, para salvar o seu proprio prestigio, é indispensavel que o parlamento se deixe de discussões inuteis, cumprindo, zelosa, honrada e eficazmente, a sua missão.

Pense-se na Republica e no país!»

Pois sim; conte com isso o *Povo*, donde extraímos estas linhas, e verá a desilusão que o espera.

UM EMPRESTIMO

O governo português acaba de realisar na praça de Londres o importante emprestimo de dois milhões de libras, de que a imprensa diaria se vinha ocupando ha tempo, emprestimo unicamente feito por meio de desconto de bilhetes do tesouro português, a longo praso e a uma taxa que será inferior em um quarto á taxa oficial do Banco Inglez.

A operação, segundo se afirma, efectuou-se sem a menor caução e foi levada a efeito pelas vias financeiras normais e sem intervenção oficial.

Esta importantissima operação financeira sendo de molde a evitar que os cambios subam, permite ao mesmo tempo ao govarno satisfazer em ouro, no estrangeiro, todos os seus compromissos.

E' mais uma bofetada naqueles que supunham nada se poder fazer sem a intervenção das 72:000 virgens...

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

O que dignifica os homens em todas as horas da sua vida é a coragem de dizer a verdade pura.

ALEXANDRE BRAGA

Ainda é

O sr. Francisco da Encarnação ainda é administrador do concelho, comissario de policia, amanuense do govêrno civil e chefe da estatistica, exercendo todos estes cargos publicos á mesma hora.

Por sua vez, o sr. governador civil continua a vir apenas tres dias por semana á sua repartição e o correligionario deste, Filinto Feio, lançado ao ostracismo, só vê os seus direitos postergados no meio desta bambochata toda.

Ah! A moralidade da Republica!... A moralidade da Republica!...

Aniversário lutuoso

Passou no dia 7 do corrente o 3.º aniversário da morte do nosso saudoso amigo e devotado correligionario Joaquim Rei Neto, que tão assinalados serviços prestou ao regimen com sacrificio já da sua abalada saude.

Era natural de Arada, cuja população ainda hoje pranteia o seu desaparecimento da vida.

Alma perdida

—=(*)=—

Entre o vomito fétido e nauseabundo e as fumaças da *prisca* nojenta e esqueletica, tinjida a carrascão, que lhe escorre das beiçolas e lhe suja os dedos, ás mezas enegrecidas das tabernas, anda o murtozeiro a cuspir sandices naquele repugnante e indigno mistér de besta alugada, zurrando por conta alheia.

A desprezivel creatura, impenitente frequentador de baiucas a arrotar vinhaça recosida, elemento indispensavel á sua misera existencia, não se cança de repetir o têma forçado que lhe ensinaram os donos, berrando a proposito de decantados *testas de ferro*, que o imbecil julga ter descoberto!

O cretino não se convence que os alugadores, no seu velho costume, pretendem medir os outros pela bitola que sempre lhes serviu, e assim anda a pobre alimária a zurrar em falso as variações proprias dos animaes da sua especie.

Não temos nem nos servimos dos processos daqueles que meteram na cadeia o José da Maia e o infeliz Ambrosio dos Santos Victor, que, abandonados pelos mizeraveis que deles se serviram para se eximirem á responsabilidade dos seus escritos, entregues á amargura da sua situação, o ultimo, espirito doentio e fraco, acabou por endoidecer e assim morreu, tal foi o abalo e a magoa que sofreu ao vêr-se traído e sem o auxilio dos que teve a veleidade de julgar homens de bem e amigos devotados.

Estas façanhas não relata o bebedóla, que se aluga, vomitando o que lhe ensinam com a mesma sencerimonia com que se apresenta em publico a exibir as borracheiras, que o hãode imortalisar se antes não houver o bom senso de o chamar á realidade, metendo-o, se tanto for preciso, entre... dois frascos de amoniaco...

Pois por aí é que devia principiar e tinha muito que dizer...

TRANSCRIÇÕES

Os nossos colégas *O Reporter*, de Ponta Delgada e *O Radical*, de Oliveira de Azemeis, deram-nos a honra de transcrever, o primeiro, o artigo *A guerra e a Religião* firmado por *Zulay* e o segundo a local do ultimo numero—*Uma perseguição?*—referente á transferencia do sr. Eduardo Verol, republicano velho e digno empregado da Companhia de Moçambique.

Agradecemos.

Pelo teatro

—=(*)=—

No espectaculo cinematografico da semana finda e que por absoluta falta de espaço não podémos noticiar, tomou parte a soberba orquestra organisada e dirigida pelo nosso amigo e abalisado regente da banda militar, sr. Antonio Alves, facto que chamou áquéla casa uma abundante concorrencia, que em ambas as sessões, a encheu completamente.

Entre os executantes destacava-se a sr.ª D. Alice Calado, filha do distinto violinista Manuel Calado, que tantas vezes tem o público aplaudido, assim como seu pae, que, tambem conceituado musico, foi uma das figuras de destaque.

A sr.ª D. Alice, que tocou violoncelo, é, como toda a sua familia, uma apaixonada pela arte e gostosamente acedeu ao convite que lhe foi feito, juntando-se ao distintissimo grupo, que, impecavel na execução dos numeros respectivos, recebeu do publico a devida consagração entre aplausos estridentes, aos quaes nos associamos entusiasticamente.

Ao amigo e mestre Alves os nossos parabens, sentindo apenas que não os possamos repetir muitas e muitas vezes.

Estrada de Mira

Acha-se num estado lastimavel, intransitavel por completo, a estrada que desta cidade conduz a Mira.

Pessoa que ainda ha pouco teve de ir á referida vila, conta-nos que passou tormentos, pois são tão fundas as covas no leito da estrada que dificilmente os animais tiram os carros, apezar de vasios, visto que sería uma temeridade srriscar-se alguem a atravessar dentro deles esses verdadeiros precipicios.

Ao sr. Director das Obras Publicas ousâmos chamar a sua atenção para que, sem delongas, sejam feitos os devidos concertos que os transeuntes reclamam, com justificada razão, numa das principais arterias do distrito, pois de contrario serão incalculaveis os prejuizos que advirão para o comercio se a viação continuar, como até aqui, completamente ao abandono.

Os ditadores

—=(*)=—

O nosso brilhante colléga lisbonense, *O Povo*, inseriu esta semana uma passagem do discurso eleitoral proferido pelo sr. dr. Afonso Costa a 6 de Junho de 1915, que diz assim:

«O que nós, republicanos, juravamos e exigiamos era o respeito pela Constituição e consequentemente o abandono das cadeiras do poder pelos ditadores, que não se impunham nem pelo seu amôr ao regimen, nem pela sua obra, que era inepta e só de odio. O 14 de Maio veio ao encontro déssa exigencia de patrioticos intuitos, e os ditadores baquearam, como baqueou o sr. dr. Manuel de Arriaga, que têve de descer para sempre as escadas do palacio de Belem, onde de hoje em diante só poderá entrar quem oferecer verdadeira garantia da sua fé republicana. Resta agora que os tribunais se não reservem o triste papel de se recusar ao pronunciamento dos srs. Pimenta de Castro e Manuel de Arriaga Isso não acontecerá porque ha uma lei de responsabilidade ministerial que é preciso cumprir e porque ha mais ainda—porque ha uma distinção entre Republica e monarquia. Desceriamos muito abaixo do ignominioso regimen que liquidou se, criando tal lei, a não respeitassemos agora. Sería preferivel vêr absolvidos todos os réus acusados de crimes comuns a ter de assistir á absolvição pelo mais grave delito dos homens publicos que o cometeram.»

Esta afirmação é categorica: *Desceriamos muito abaixo do ignominioso regimen que liquidou se, criando tal lei*—a de responsabilidade ministerial — *a não respeitassemos agora.*

O país precisa saber se o sr. Afonso Costa ainda está na sua ou se modou de opinião...

Disse bem

—=(*)=—

Na câmara, o deputado dr. Alfredo de Magalhães, a proposito do incidente havido entre os membros da comissão de inquerito ás causas do incendio no deposito de fardamentos, pronunciou as seguintes palavras que vamos registar por com elas inteiramente concordarmos:

O país atravessa o periodo mais critico da sua historia; todavia é importante para reagir ainda que imerso numa profunda desilusão; e a ele, orador, que sabe muito melhor do que muitos que o escutam e que não fazem ideia da soma de sacrificios e amarguras que a antiga familia republicana custou o triunfo da sua fé, não lhe sofre o animo vêr como em questões desta natureza a unidade do velho partido republicano não resurge em toda a imponencia do seu passado historico para afirmar a austeridade dos seus principios e a beleza sem macula do seu ideal.

Não resurge emquanto o ilaqueiar a acção deleteriá e a influencia corruta dos realistas aderentes, exteriorisando e intitulando-se republicanos, mas procedendo e operando como monarquicos, pela mesma escola de corrução, pelos mesmos processos de moralidade.

Pois o que vemos nós? Em Aveiro, por exemplo, o que se passa? Não estão aí agregados aos republicanos os seus mais encarniçados inimigos de sempre? Os Barbosas de Magalhães, os *firminos* e todo o séquito familiar, que se guiava pelo orgão da casa? E quais são aqueles dos republicanos que continuam sofrendo perseguições, assaltos de encruzilhada? Não seremos nós, e comnosco, honradamente, quantos moral e politicamente nos acompanham na reacção aberta, franca e intransigente contra o ingresso desses falsos democraticos no velho partido? Por vergonha nossa até aí vemos alguns dos seus soldados, que tantas vezes afirmaram a pureza e intransigencia dos seus principios como verdadeiros e sinceros republicanos, a servirem agora de comparsas no triste cortejo dos que, esquecendo a propria dignidade, se encorporam no nemero dos que preferem o republicanismo dos monarquicos de hontem á autentica democracia dos republicanos de sempre!

E assim, esses desleaes democraticos, falsos soldados republicanos, não vacilam nem se envergonham aos seus proprios olhos-manobrando ás indicações de quantos deles fazem instrumento dos seus sonhos de vingança e de satisfação ás suas ambições pessoaes!

Desta situação, que é quasi geral, são responsaveis não só os chefes supremos dos partidos que pretenderam engrossar as suas fileiras politicas sem outra preocupação que não fosse o numero, mas tambem a todos os republicanos cabe egual quinhão por abdicarem e transigirem indecorosamente com essa vergonha que por toda a parte se está desenrolando.

O **Democrata** *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

ORIGINAL

Lêmos, não nos lembra agora em que periodico, que um sugeito espirituoso redigiu em francez um anuncio, que publicou no *Jornal do Comercio*, no qual uma joven, rica e bonita, dizendo achar-se no seu estado interessante, desejava encontrar um cavalheiro que podésse assumir a responsabilidade de tal situação.

Apareceram em dois dias 74 cartas de pessoas que se ofereciam para pae da creança, acrescentando um vespertino carioca que muitas dessas cartas foram endereçadas por altos funcionarios, capitalistas, advogados, etc.

Como se vê tudo gente de boa boca e ainda melhor estomago...

Para a America

—=(*)=—

Continua a emigração dos pescadores de Aveiro

No comboio da manhã de ontem seguiram, com destino á America do Norte, mais cêrca de trinta rapazes pertencentes á numerosa classe piscatoria que habita, entre nòs, o populoso bairro da Beira-mar.

Numerosas pessoas de familia e amigos foram á estação do caminho de ferro dar-lhe o abraço de despedida, desenrolando-se scenas intensamente comovedoras e derramando-se lagrimas de verdadeira amargura.

E', sem duvida, doloroso vêr partir, forçados por tantas e tão variadas razões, superiores á vontade de todos, aqueles que a dureza da vida e volume de privações os força a deixar a terra que lhes foi berço, o dôce afago da familia e a afeição intima dos amigos.

Mas bem melhor é, ainda que atravez de todas as contingencias, ir procurar, na luta pela vida, o trabalho que aqui lhes falta, encontrando os recursos que entre nós lhe minguam e o bem estar que pouco a pouco vae desaparecendo.

A saída daqueles que da America tivéram de acudir ao chamamento dos seus irmãos para a defêsa da patria ameaçada—especialmente italianos e francêses—abríu no grande país uma gráve crise de falta de braços, facilitando assim a colocação e o trabalho aos que para lá vão, como sucede aos nossos conterraneos. Dos primeiros que partiram, prometedoras são as noticias que de lá mandam, e, assim, oxalá que tantos quantos résolvam saír, possam, bréve, dizer, felizes, que ha males que veem por bem.

A todos sinceramente desejâmos que a fortuna os acompanhe, permitindo que bem recompensados sejam dos seus sacrificios e trabalhos.

Bôa viagem.

PELA IMPRENSA

«O Povo de Agueda»

Passou o quarto aniversario deste nosso ilustre colega que, sob a direcção atual do antigo republicano e bom amigo, Alexandre Coelho, se publíca todas as semanas na pitoresca vila donde tira o nome.

Posto que militando em campos diametralmente opostos, o *Democrata* sauda-o, esperando continuar a manter a mesma camaradagem dos velhos e saudosos tempos da propaganda, muito embora isso a muitos se possa afigurar uma utopia.

A's autoridades

Continuamos, no plenissimo uso do nosso direito, a pedir ás auctoridades que averiguem quem mandou matar o homem em S. Bernardo e um outro em Fermentelos.

E' preciso saber-se toda a verdade.

Ha quem diga que foram os inimigos do padre Pato, ali, de Aradas, gente que quiz assaltar os cofres da Junta lá da terra (vejam-se os nossos artigos sobre administração do padre Pato) e que tem praticado muitos outros crimes. Tem-no dito um jornal desta cidade — *O Riso do Vouga* — que as autoridades hão-de ter recebido.

Quem escreve nesse jornal sabe quem matou e quem mandou matar. Tem, pois, de ser testemunha no processo, ouvido para dizer os nomes dos mandantes dos assassinatos.

Démos já no ultimo numero os nomes de alguns adversarios que o Pato tem lá na freguezia. Não ha que hesitar: é preciso que o homem do *Riso do Vouga* diga ás autoridades quem mandou matar, se o não quer dizer no jornal.

Quem tem a coragem de denunciar crimes de tal ordem, tem de ir até ao fim e dizer tudo. Nomes, nomes e nomes é o que se quer, e é o que querem todos os caluniados pela vilissima intriga dos socios do Pato.

Não fujam. Falem!

BENEMERENCIA

Foi distribuida da seguinte maneira a quantia de 5$00 que do Porto enviou aos pobres do *Democrata* o sr. José Ferreira Pinto Junior, para comemorar o aniversário da morte do seu e nosso saudosissimo amigo, Francisco Antonio de Moura:

Tereza Pacheca, rua Miguel Bombarda, $20; Maria Inocencia, idem, $20; Dôres Pitarma, idem, $30; Elvira de Matos, idem, $30; Margarida de Jezus, idem, $20; Adelaide Vilaça, rua da Corredoura, $50; Justa Salgueiro, rua das Olarias, $30; Maria da Graça Ferreira, rua de S. Bartolomeu, $50; Eduarda Ferreira, rua do Vento, $50; Luiz dos Reis, rua de S. Martinho, $50; Marla José Serralheira, rua das Barcas, $50; E. do Egidio, T. de S. Gonçalinho, $50 e Maria Morêna, rua de S. Sebastião, $50.

Em nome dos contemplados, mais uma vez, mil agradecimentos ao generoso bemfeitor, que é o sr. Pinto Junior.

Justiça e moralidade

—=(*)=—

O caso Eusebio da Fonseca

No *Diario do Govêrno* de segunda-feira vem publicado o parecer do conselho disciplinar sobre o processo instaurado contra o sr. Eusebio da Fonseca, director geral das colonias, e o decreto demitindo o mesmo funcionario desse cargo.

Das peças do processo, que ocupam nada menos de sete paginas daquéla folha, vê-se que, entre outras arguições, o sr. Fonseca se abonou individamente com ajudas de custo tanto na viagem de ida como na de volta; que abosivamente se abonou em ouro das ajudas de custo; que recebeu ajuda de custo diaria por mais quinze dias que os devidos; que não podia ter feito por conta do Estado a viagem a Hong-Kong e a Catão e que abusivamente tambem solicitou uma gratificação em ouro como compensação das despezas de viagem de regresso pelo transiberiano.

O decreto da demissão tem a data de 29 de Janeiro ultimo e é assinado pelos srs. Presidente da Republica e ministro das colonias, Alfredo Rodrigues Gaspar.

O arguido deverá restituir, depois de liquidadas pela repartição competente, as quantias que ilegalmente arrecadou.

Um dos muitos considerandos que precedem o decreto, diz que se os depoimentos de alguns ministros das colonias foram favoraveis ao arguido, foi no desconhecimento que ele tivésse praticado, como averiguadamente praticou, uma série de actos, que as leis em absoluto condenam, e que vários outros depoimentos constantes do processo lhe são inteiramente adversos.

Como se sabe, este caso foi um dos mais discutidos na imprensa por ocasião da guerra feroz que as oposições moveram ao partido democratico, sendo de lamentar que alguns jornaes deste agrupamento politico quizéssem encobrir as falcatruas do sr. Fonseca só porque este sr. se encontrava nele filiado, de cérto por calculo, como tantos outros nossos conhecidos e de fundo moral não inferior ao do ex-director geral das colonias.

Fez-se, porém, justiça, devendo a resolução do govêrno a que preside o sr. Afonso Costa ser motivo de congratulação para todos os republicanos que desejam vêr prestigiadas as instituições.

Uma vassourada que limpasse com todos os Eusebios, nestas alturas, era o que Portugal precisava para remoçar já que a monarquia não quiz faze-lo, preferindo afundar-se, a pôr de parte *tão dedicados* servidores...

"Hino Afonso Costa,,

Editado pelo velho republicano portuense, e nosso antigo assinante, sr. José Maria Lopes, acabamos de receber a oferta duma composição musical com o titulo da epigrafe e em cujo frontespicio se vê o retrato do eminente estadista português, a quem é prestada a homenagem, assim como os da comissão organisadora do Hino, em grupo, composta dos cidadãos José Maria Lopes, Pedro Lopes Cardoso Estrela, Manuel José Pereira Leite Junior, Manuel Antonio dos Santos, Simplicio Gonçalves Teixeira e Manuel Pereira da Miranda.

O hino foi tocado pela primeira vez no dia 31 de Janeiro, ouvindo-o o sr. Afonso Costa no meio de delirante entusiasmo da multidão, que o saudava na invicta cidade onde teve de ir assistir ao aniversario da revolução Republicana de 1891. Compo-lo o distinto maestro sr. J. Cassagne e a letra pertence ao director do nosso ilustre confrade da Guarda, *O Combate*, que, como tem demonstrado, não é só um primoroso jornalista: enfileira tambem no numero dos melhores poetas contemporaneos.

O preço de cada exemplar do hino é de 30 cent., para piano, um escudo a partitura para banda e o produto reverte em favor da Tutoria da Infancia, instituição creada pelo homenageado.

Os nossos agradecimentos á comissão pelo exemplar recebido e, em especial, ao sr. José Maria Lopes.

Recenseamento eleitoral

As comissões politicas paroquiaes do Partido Republicano Português, da Vera Cruz e Gloria, convidam todos os cidadãos correligionarios ainda não inscritos no recenseamento eleitoral a fazê-lo até ao fim do mez corrente.

Prestam-se esclarecimentos nas farmacias dos srs. João dos Reis, Henrique Brito, sapataria do sr. José Migueis, tabacaria do sr. Bernardo Torres e mercearia do sr. Ricardo da Cruz Bento.

Uma fita politica

em Oliveira de Azemeis

BARBOSA DE MAGALHÃES EM FÓGO

A atitude encolerisada do sr. Antonio de Bastos Nunes causou espanto por saír das normas de moderação natural e reconhecída desse republicano. A frase que pronunciou contra o sr. dr. Barbosa de Magalhães e que finalisava o meu ultimo artigo para este jornal, foi criticada em tonalidades diferentes, segundo o paladar de uns e o criterio doutros. Os que conhecem de perto o sr. Antonio Nunes e sabem bem dos factos politicos que vergonhosamente por aí se teem desenrolado, louvam essa atitude e aplaudem a sua frase, saída e tomada pela exaltação provocada conscienciosamente pelo sr. Barbosa de Magalhães, principe do distrito de Aveiro. Reprovam-na e fustigam-na apenas os que não teem coragem para ser independentes e se habituaram á vida parasitaria, lambendo as botas aos que num dado momento lhes pódem arremeçar das arcas do tesouro publico uma codea aos seus grandes e devoradores estomagos.

Foram sómente os que da dignidade alheia fazem troça e da hombridade propria burro de almocreve, que elogiaram o procedimento do descendente de Manuel Firmino e criticaram indignamente a nobre e levantada atitude do sr. Antonio Nunes. Essa sua frase foi um grito expontaneo de uma alma que se sente sob o retalhar duma naifa. Essa sua atitude de foi uma louvavel revolta contra o espesinhar dos principios republicanos por alguem que, esquecendo o passado individual e hereditario, se volta para o presente, não com a ideia de regeneração, mas com olhares gananciosos de honrarias e dinheiros, sem ao menos sentir na alma o mais passageiro fremito de remorso e nas faces o mais leve rubor de vergonha. Aqueles que da dignidade fazem profissão de fé e da hombridade apostolado, faziam o mesmo que o sr. Antonio Nunes, a não ser que o seu temperamento os levasse mais longe.

Eu, confesso, não me restringia só a isso; ao defrontar-me com o sr. Barbosa de Magalhães e ouvir da boca desse deputado a mentira do seu oferecimento voluntario, nas suas barbas havia de ficar pelo menos chapado o nojo que me causava a sua desqualificada situação.

O sr. Antonio Nunes ao receber directamente essa afronta, ao sentir o roçar asqueroso déssa pantomima, lembrou-se, de cérto, das frases que eu havia pronunciado na reunião anterior ao acto eleitoral, em que ele, na sua ingenuidade de alma diamantina, tentou fazer acreditar a boa fé e a pureza de sentimentos politico-patrioticos desse candidato a deputado, que por este circulo se impôz com a influencia de amizades puramente pessoaes e de degenerados monarquicos. Nos traços do seu rosto lia-se visivelmente o arrependimento de fiador á palavra de honra desse aveirense, que sinergicamente alimenta os dotes psiquicos do falecído Manuel Firmino, desse antagonista de José Estevam, que foi o grande paladino da Liberdade, da Justiça e da moralidade.

O sr. Antonio Nunes, presidente da comissão municipal democratica deste concelho, soube então o quanto valía o juramento de honra dos que da honra, propria e alheia, fazem palco das suas indecorosas conveniencias pessoaes. Soube néssa ocasião esse democratico que mais valor tem a sinceridade dum adversario que as palavrinhas dôces e prometedoras dum falso correligionario. Só nesse momento soube pesar bem o quanto de sinceridade republicana havia nas minhas palavras quando néssa reunião eleitoral declarei que o sr. dr. Barbosa de Magalhães não podia dar a sua palavra de honra pelo simples motivo de a não possuir, e quando dias depois, em manifesto, ao povo eleitor deste circulo apontava o grande crime de lesa-patria e de lesa-republica que cometia elegendo para deputado o sr. Barbosa de Magalhães. As minhas afirmações feitas nesses dois momentos eram baseadas em factos concretos que uma observação cuidadosa havia feito passar pela fieira mais apertada da imparcialidade. Conhecia, como hoje conheço, a vida exterior e interior desse homem de quem a cidade de Aveiro recebeu os primeiros sorrisos de infancia e de quem hade receber os ultimos pontapés dum representante daquilo que não sente nem ama.

O sr. Antonio Nunes fez pouco; não devia admitir a menor referencia aos seus actos por pessoas que não teem categoria moral, e devia imediatamente factorisar as suas palavras, a sua frase, quando o sr. Barbosa de Magalhães, servindo-se altaneiramente da mentira e da intriga, lhe disse que o despacho do escolhido pela comissão politica para oficial de deligencias não se fazia, e que indicassem outro nome. Quando esse deputado, com ares de senhor, quiz colocar na fronte dos membros da comissão politica democratica o letreiro de tutelados, o presidente déssa comissão devia fazer-lhe pagar bem cáro a arrogancia do seu atrevimento. Quando esse correligionario do dr. Anibal Beleza, fundador do centro monarquico na ditadura Pimenta de Castro, cuspiu, da maneira mais descarada e revoltante, nas faces do presidente da comissão politica democratica o traiçoeiro *não*, o sr. Antonio Nunes, na sua qualidade de representante oficial do partido democratico neste concelho, devia ter-lhe vibrado na cára, atrevida e sem vergonha, o castigo justo da vil traição e ofensa. Se assim tivésse feito, tinha cumprido integralmente com o seu dever e não tería recebido depois, cára a cára, as criticas dos arrieiros que desejavam fazer de si um *Tridentis* por onde a moralidade da Republica descia aos infernos da devassidão.

Talvez, sr. Antonio Nunes, a comedia acabasse tragicamente; mas alguem havia de provar a justiça da sua causa com raciocinios deduzidos de factos, como heide fazer, apezar da sua impassibilidade, no proximo numero deste jornal.

A mentira hade morrer na ignobil porcaria da traficancia politica, tendo por mausoleu os peitos traidores dos falsos republicanos e por mortalha as barbas do marechal Barbosa de Magalhães.

Lopes de Oliveira
(Medico)

BANDO PRECATORIO

A direcção da antiga Companhia dos Bombeiros Voluntarios, por proposta do seu tesoureiro, sr. Bernardo Torres, resolveu promover em qualquer dos domingos proximos uma *quête* em beneficio dos pobres da Beira-mar e outros que mais estão sofrendo com a crise que se atravessa.

A carestia da vida, afectada extraordinariamente pela falta de trabalho, tem contribuido para que a miseria se avisinhe de muitos lares e assim a todos aqueles que, com o seu obolo, possam minorar o sofrimento dos mais necessitados, a todos os corações bem formados, ás almas generosas e bôas, a Companhia péde que tenham em vista a situação dos infelizes, dos desprotegidos da sorte, acudindo ao apêlo que dentro em pouco vai lançar á cidade com a certêsa absoluta de que o não fará em vão.

Os donativos em generos alimenticios serão recebidos na *Veneziana Central*, que desde já se acha habilitada a tomar conta deles.

Necrologia

Morreu na quarta-feira em Ilhavo, com avançada edade, a mãe do sr. Manuel Sacramento e Antoninha Sacramento, a quem por esse facto enviâmos os nossos pêsames, estendendo-os á restante familia.

= Egualmente sucumbiu ali, vitimado por uma congestão cerebral, o antigo oficial de diligencias desta comarca, sr. João da Rocha Carola, que era justamente considerado por todos os seus conterraneos.

Ao seu enterro assistiu a *musica velha*, que ele regia na igreja, sendo a chave do caixão entregue ao escrivão do 5.º oficio, onde o extinto servira, sr. Julio Cristo.

= Nesta cidade finou-se tambem com 68 anos, a sr.ª Angelica de Jesus Branco, esposa do sr. José Nunes Branco, mãe dos srs. Carlos, José, Antonio e Francisco Nunes Branco e sogra do sr. Joaquim Ferreira das Neves Junior, considerado negociante de adubos quimicos em Oliveira do Bairro.

Teve um funeral muito concorrido.

O nosso cartão de condolencias á enlutada familia.

Serviço de administração

CONGO BELGA

Levâmos ao conhecimento dos nossos presados assinantes desta região que se acham na posse do sr. Julio Diniz, residente em Bôma, casa Vale & C.ª, todos os recibos do *Democrata* **que obsequiosamente se encarrega de cobrar, e por isso esperamos que todos lhe enviem as importancias neles expressas assim que, pelo correio, recebam o competente aviso.**

Desde já os nossos agradecimentos.

MANAUS

Tambem o nosso amigo sr. João Simões Amaro possue já os recibos dos assinantes de Manaus (E. U. do Brazil) a quem pedimos o favor de lhos satisfazerem logo que sejam apresentados afim de lhe evitarem quanto possivel massadas e perda de tempo.

A administração do padre Pato

NA

Junta das Aradas

Vimos no ultimo numero como o padre Pato — *com a sua honesta e escrupulosa administração !!!* — chamou a si os 200$00 que o govêrno concedeu para melhoramentos na freguezia e os 45$00 de sobras orçamentaes. Vimos tambem que no orçamento da Junta ele pôz 20$00 para areia, 40$00 para o feitio dos adobos e 32$00 para a condução dos mesmos adobos. E perguntavamos se a honradez do padre Pato e a sua *escrupulosa e legalissima administração* permitiriam que ele gastasse esse dinheiro... que se não podia gastar.

E não se podia gastar, como se não gastou, porque como dissémos:

1.º—A areia foi tirada no proprio local da obra da residencia, no terreno baldio pertencente á mesma Junta de que o padre era presidente e que lhe andava a tratar da casa;

2.º—Porque os adobos foram feitos com o serviço braçal da freguezia, com o que se não dispendeu nem um real;

3.º—Porque sendo os adobos feitos no mesmo local da obra, como foram e toda a gente viu, se não poderia gastar nunca 32$00 na sua condução.

Isto é claro como agua e claro como agua é a traficancia e a burla do orçamento da Junta de 1906.

Ha quem duvide disto ainda, tantas vezes os defensores do padre, na imprensa, lhe tem chamado *honrado e escrupuloso administrador da Junta*, emquanto aos outros vão chamando ladrões, discolos, assassinos, etc., etc., tudo quanto querem e ao padre agrada.

Mas... toda a gente vê onde está a residencia; toda a gente em Aradas sabe que é verdade o que aqui afirmâmos e não ha uma só pessoa que diga o contrario.

E os numeros e o resto está tudo escarrapachado nos livros das actas e contas da Junta de Aradas, de onde os obtivemos por certidão e onde toda a gente os poderá verificar... inclusivamente um sindicante, se se fizer a sindicancia que desde a implantação da Republica se vem pedindo.

Mas vamos então vêr se o padre Pato —o *escrupuloso, honesto e legalissimo Pato !*—gasta as verbas orçadas.

Querem vêr?

Diario da receita e despeza da Junta de Paroquia das Aradas

Ano de 1906, pag. 12. Rubrica Pato.—Agosto 4.—Pelo mandado para pagamento da verba n.º 21 do orçamento (areia para adobos, como vimos) — pagos **19$000 reis.**

Vêem os leitores? Quem recebeu o dinheiro da areia? A quem mandou o padre Pato pagar a areia? A quem mandou o padre Pato pagar a areia que era da Junta, do baldio, tirada no mesmo local da obra, com o serviço braçal gratuito? A quem?

E viva a moralidade do Pato.

E morram os *ladrões* que queriam roubar a Junta e mandaram matar os homens de S. Bernardo e Fermentelos!

Mas continuemos. Isto do Pato tem que se lhe diga. Chegou a hora de se virar o feitiço contra o feiticeiro. A paciencia tem limites e a lenda do Pato tem de desfazer-se duma vez para sempre.

No mesmo livro das contas, uno de 1906. No verso da pag. 12 lê-se o seguinte:

Outubro 10—Pelo mandado para pagamento da verba n.º 23 (condução de adobos, como dissemos) *pagos* **32$000 reis.**

Mas a quem pagou o Pato 32$00 de condução de adobos que estavam no proprio sitio da obra? Quem foram os carreiros? Donde trouxeram os adobos, se meia freguezia trabalhou, *gratuitamente*, nesses adobos, ali mesmo, no Outeirinho?

Então para onde foi a *honestidade*, a *legalidade* e o *escrupulo* do Pato?

Onde pára a rigorosissima administração desse homem em nome do qual se tem insultado e caluniado tanta gente, mil vezes mais honesta do que ele?

Mas vejâmos em agosto, 22, o mesmo livro de contas. Lá se encontra o seguinte:

Pelo mandado para pagamento da verba n.º 22 (feitio de oito mil adobos) *pagos* **40$000** *reis.*

Mas no feitio destes adobos empregou-se a contribuição do serviço braçal da freguezia. Sendo feitos com o serviço braçal, nada se gastou com eles e contudo os 40$ foram-se.

Tanto assim que nos anos anteriores meteram-se em orçamento 118$68 de serviço braçal, como receita e no orçamento deste ano não se mencionou tal verba. Não se mencionou, mas o serviço prestou-se. Prestaram o seu serviço os mesmos 173 homens e os mesmos 182 carros mencionados nos orçamentos anteriores. Demos-lhe quebras, faltas, tudo, fica sempre um enorme serviço braçal que, como todos sabem na freguezia, se empregou todo na construção da residencia e que o padre não meteu em orçamento. E não meteu no orçamento da receita para poder desviar o dinheiro, como desviou, dando como pagas verbas que nunca se pagaram!

Em que gastou, pois, o padre Pato este dinheiro?

Muitos leitores hão-de duvidar ainda. Mas o que aí fica dito é bem patente e insufismavel. E' a copia fiel dos documentos deixados pelo proprio Pato.

Mas ha quem duvide? Pois então nós continuaremos. Vamos continuar, com os documentos em punho.

Para se vêr... a *honesta, escrupulosa* e *legalissima* administração do padre Pato! Depois a consciencia publica que avalie e julgue.

E digam-nos então se esse trapaçada indecorosa do orçamento e das contas da Junta das Aradas de 1906, de que era presidente o Pato, é *roubo*, é *farça*, é *burla* ou o que é!

Diga-o o publico e diga-o o tribunal que nos ha-de julgar.

Porque nós continuaremos.

CARTAS DUM EXILADO

—(*)—

Ao padre Firmino Marques Tavares

X

O pouco tempo que desempenhei esse logar, posso gloriar-me de que cumpri o meu dever, que, apezar de sobrecarregado, tudo suportava com calma e moderação.

No dia em que o abandonei, ofereceu-me o ajudante do registo civil um jantar como prova de agradecimento, pelo modo como desempenhei esse munus que dirigia cuidadosamente.

Todos os dias meus paes me relembravam que era necessario ajudá-los na vida dos campos, pois doutra fórma não poderia um dia assim sustentar-me, nem tão pouco ser um homem de profissão e digno de nome.

Depois de vêr qual a sua opinião, eu proprio, e por intermedio doutros amigos cértos deles, pedia, instantemente, para que me deixassem seguir uma nova carreira, que eu preferisse, segundo a minha vontade, visto até aí haver seguido uma carreira errada, que havia encetado, quando creança ainda.

Nem aos amigos atenderam, e a unica resposta que tinham para todos era esta:

—Ajudá-lo-emos sempre na carreira sacerdotal, noutra, nem falar nisso.

Desanimado das minhas tentativas, e excitado pelas constantes *piadas* que me dirigiam, resolvi, em breves dias, abandonar o meu lar, e em companhia dum primo, Antonio Rodrigues Bandeira, navegar mares desconhecidos, e pairar em continentes enormissimos.

Restava conferenciar com meus paes, saber se era da sua vontade separar-me do torrão querido que me serviu de berço, que ouviu os meus primeiros vagidos e que de braços abertos me prodigalizou os seus dons naturaes. E resolvi.

A principio recusaram, mas por fim, quando a verdade lhes calou no coração e conheceram a razão oportuna das cousas, concederam-me autorisação, e auxiliaram-me penosamente na minha partida para o Estado do Pará.

Felizmente, ainda hoje não estou arrependido do passo duvidoso que dei, nem tenho sido tão infeliz como alguem julgava eu fosse; o que posso asseverar com todas as véras da minha alma, é que não poderei de fórma alguma perdoar a um indigno jesuita, a esse nefando hipocrita, a esse que desonra com a astucia brutal a classe brilhante do sacerdocio.

No meu espirito mesquinho está gravado com letras de fogo a vida cevicula dum carrasco, que na sua missão sagrada, na missão celeste dum representante de Deus, alastrou a discordia e semeou a revolta de espiritos bem formados, que conhecem lucidamente a justiça duma causa, que foi julgada injustamente por um juiz inapto e severo, sacerdote imbecil como ele.

Não deve ser condenado, *ipso facto*, um criminoso arrependido, que confessou as suas faltas, contricto, e jurou perante o tribunal observar todas as regras disciplinares daquêle instituto.

A verdade é que se formou o tribunal para dicidir éssa causa, cujo juiz foi o mesmo Vice-Reitor e jurados os superiores, que atendendo á gravidade do crime nos condenaram com a pena maxima de expulsão perpetua.

Eis-me na prisão do exilio, para onde vim cumprir os rigores do meu castigo, devido á mascara hipocrita do clericalismo, déssa classe abjecta e sediciosa que se prostrou até ao gráu mais infimo da humanidade.

Se todos cumprissem os seus deveres, se todos fossem discipulos semelhantes ao Mestre, que prégou—*não faças a outrem o que não queres que te façam a ti*—se todos se sacrificassem pelo progresso da humanidade e praticassem as suas obras, não com o intuito da recompensa, o dinheiro, seriamos obrigados por um dever a seguir a religião dum Deus que se diz, foi de amôr e beneficencia.

De contrario, abandonamos a hipocrisia, deixamos clamar no deserto a religião transformada do catolicismo e sigamos a religião do amôr ao trabalho, ao progresso, á humanidade e á civilisação.

Devemos cumprir os nossos deveres, primeiro que tudo á religião desconhecida, pois até hoje, qual é a verdadeira? O catolicismo? Os seus representantes, são hipocritas, não cumprem os seus deveres e mandatos, quasi em geral.

Por conseguinte, se eles proprios são os primeiros a transgredir a sua religião, eles que vivem á custa da mesma, porque razão nos devemos preocupar com essa ninharia, que nos rouba o tempo e amofinha o pensamento? Fara que viver preocupados com o desnecessario?

O amôr ao trabalho é a verdadeira religião.

Pará, 25 de Dezembro de 1915.

Avelino d'Almeida

CORRESPONDENCIAS

Cacia, 9

Com a provéta idade de 75 anos, faleceu na Quintã do Loureiro o rico proprietario sr. Manuel Mateus Ventura, que por vezes representou esta freguezia na câmara municipal.

Atualmente era vogal da Junta de Paroquia, devendo-lhe nós alguns serviços publicos para o que estava sempre pronto a concorrer em beneficio da sua paroquia.

O seu funeral teve ontem logar e foi um dos mais imponentes a que temos assistido. Tomou parte nele a musica de Angeja, a chave do caixão foi codduzida pelo sr. Manuel Gonçalves Nunes e as salvas pelos srs. João Afonso Fernandes e João Pereira Felix.

— Tambem no mesmo logar se finou o sr. José Simões Nunes (Peixinho), que gosava de gerais simpatias pelo que era bastante estimado.

Ás familias enlutadas os nossos pêsames.

— O dia de hoje esteve invernoso como ainda nenhum outro se viu este ano. Aumentou, por isso, consideravelmente o volume das aguas do Vouga, vendo-se os campos marginais todos inundados.

Dentista

Candido Dias Soares

Cirurgião-dentista pela Escola Medica do Porto, tambem conhecido por "Candido Milheiro„ ou "sobrinho do Milheiro„

Abriu o seu consultorio permanentemente desde o dia 1 de fevereiro do corrente ano na rua dos Mercadores, n.º 8—1.º

AVEIRO

— Os ratoneiros tentaram roubar, ha dias, um porco inteiro ao sr. Eduardo Marques de Bastos, que ainda se achava dependurado numa trave da sua casa, não conseguindo, porém, a seu intento por terem sido presentidos a horas.

Sempre ha gatunos muito atrevidos!...

C.

Aviso

Artur Francisco Cardoso, na qualidade de procurador de João Nunes Ferreira Génio, casado com Maria de Jesus Soldado, moradora na Quinta do Picado, freguezia de Arada, deste concelho de Aveiro, ele morador em Manáus (Brazil) faz publico, no interesse de seu constituinte e de quaisquer pessoas, que o mencionado João Nunes Ferreira Génio não se responsabilisa por quaisquer dividas que a dita Maria de Jesus Soldado haja constituido ou venha a constituir sem a sua outorga.

Quinta do Picado, 4 de fevereiro de 1916.

Artur Francisco Cardoso

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias)	1$20
Semestre	$60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte	2$50
Avulso	$02

Anuncios

Por linha	4 centavos
Comunicados	2 »

Anuncios permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

ANUNCIOS

Câmara Municipal de Oliveira de Azemeis

Concurso

A Câmara Municipal de Oliveira de Azemeis, fáz público que abre concurso por espaço de 30 dias a contar da segunda publicação deste anuncio no Diario do Govêrno, para provimento do primeiro partido medico désta vila, com residencia nêsta mesma vila, pulso livre, ordenado anual de 250$00, e com obrigação de tratar gratuitamente as pessôas designadas por lei e demais obrigações legáes.

Os concorrentes devem apresentar na secretaría da Câmara dentro do referido prazo, todos os documentos exigidos na legislação em vigôr.

Oliveira de Azemeis e Paços do Concelho, 28 de Janeiro de 1916.

O Presidente da Comissão Executiva,

Anibal Pereira Peixoto Beleza

Edital

CONSTRUÇÃO DE EDIFICIO

Francisco dos Santos Victor, presidente da comissão executiva da Câmara Municipal do concelho de Vagos:

FAÇO saber que até ás 12 horas do dia 27 do corrente, se recebem na secretaría da Câmara, propostas em carta fechada para a empreitada parcial da construção do edificio para Tribunal Judicial e repartições concelhias e se adjudicará a quem por menos a fizér, convindo aos interesses do municipio.

Base da licitação, 5:874$00

O caderno de encargos, condições da empreitada e orçamento, acham-se patentes na secretaría da Câmara, durante as horas regulamentares, para poderem ser examinados.

Para constar se passou o presente e outros identicos.

Secretaría da Câmara Municipal do concelho de Vagos, em 2 de Fevereiro de 1916.

O presidente da comissão executiva,

Francisco dos Santos Victor

VENDEM-SE uma terra lavradia, murada, com casa e eira, pôço com nóra, e ramada, proximo da estação de Aveiro.

Mais duas terras lavradias, sitas no limite da freguezia de Arada (Groeira e Filipe).

Para tratar, com Evaristo Ferreira, em Espinho.

Fogão de sala e uma bomba

Vendem-se quasi novos um fogão de sala e uma bomba, na *Garage* dos srs. Trindade & Filhos.

Charrette

de 4 rodas, muito leve, constructor *Laturette*. Arreios de verniz e couro inglez, tudo em estado de novo. Vende-se. Falar na *Garage Trindade, Filhos*—AVEIRO.

SELOS PARA COLECÇÃO A PESO

Grande variedade de selos para colecção, de Portugal, colonias e estrangeiros, a peso.

Kilo	500
1/2 kilo	300
5 kilos	2$000

Albuns, folhas, charneiras, catalogos de 1916, selos em folhas, etc., etc., tudo á venda na

CASA FILATELICA
de
Baptista Moreira
Rua Direita—Aveiro

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Alfaiateria MIRANDA

RUA DA COSTEIRA
AVEIRO

O proprietario deste estabelecimento participa aos seus Ex.mos freguezes que acaba de receber um variádo sortido de fazendas estrangeiras o que ha de mais *chic* para a estação de inverno.

Possue tambem o mesmo estabelecimento, no 1.º andar, um magnifico *atelier* de chapeus de senhora, acabando de receber ha pouco de Paris os modêlos da ultima moda assim como um sortido lindissimo de flôres vindas directamente daquêle centro da moda.

Pessoal habilitado **para a confecção-rapida** de todos os trabalhos de que se garante o aperfeiçoamento.

Aos Ex.mos freguêses e freguêsas solicita-se, pois, uma visita a este estabelecimento.

GRANDES ARMAZENS DE FAZENDAS

A. Santos & C.ª

Rua Mousinho da Silveira — angulo da Travessa das Flores

Telephone n.º 803

Endereço Telegraphico: "LIBERTAS"

PORTO

Marca registada

VENDAS POR JUNTO

SORTIDO COMPLETO DE FAZENDAS ECONOMICAS

ESPECIALIDADE EM PANNOS BRANCOS, MORINS INGLEZES E PANNOS CRÚS.

LÃS, CHITAS,

FLANELLAS, RISCADOS, CHAILES, LENÇOS, MALHAS, CACHENÉZ E MUITOS OUTROS ARTIGOS

NÃO HA QUEM VENDA MAIS BARATO

Hotel e Restaurant Campestre

Oliveira do Bairro

E' o unico que satisfaz com rigor as exigencias da sua clientela

COSINHA DE PRIMEIRA ORDEM

COMODIDADES EXPLENDIDAS

Especialidade em leitão assado

Adéga Social

Rua da Revolução

Os proprietarios déste estabelecimento participam aos seus Ex.mos freguezes e ao público em geral, que teem á venda os seus vinhos, ao preço de 100 reis o litro (branco) e 80 reis (tinto).

Abafado a 200 reis o litro.

Aguardente bagaceira a 300 reis o litro.

Tambem ha serviço de *restaurant*, estando encarregado da cosinha pessoa habilitadissima.

Os proprietarios,

FERREIRA & IRMÃO

PADARIA MACEDO

PRAÇA DO COMERCIO
AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade bem como pão hespanhol dôces, bijou, abiscoitado e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas.

Completo sortimento de bolacha das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz de diversas qualidades, assucar, stiarinas, vinhos finos, etc., etc.

CAFÉ, especialidade da casa, a 720 e 600 réis o kilo.

Nova fabrica de telha em Aveiro

A Ceramica Aveirense

DE

JOÃO PEREIRA CAMPOS

SITA NO CANAL DE S. ROQUE

O proprietario desta fabrica participa aos srs. mestres de obras, revendedores e ao publico em geral, que se encontra habilitado a satisfazer qualquer pedido de telha, tipo Marselha, e doutros, telhões, tijolos vermelhos e refractarios, ladrilhos, azulejos, tubos de grez, cimentos, etc., etc., e pede para que não façam as suas compras sem uma prévia visita á sua fabrica para avaliarem a qualidade dos seus produtos.

Aos srs. mestres de obras e revendedores, descontos convencionaes. Manda amostras e preços a quem os requisitar.

Oficina de serralheria

E

Estabelecimento de ferragens, ferro, aço e carvão de forja

—DE—

RICARDO MENDES DA COSTA

Rua da Corredoura

AVEIRO

N'esta officina fabricam-se com toda a perfeição fechaduras, fechos, trincos e dobradiças, do que ha grande quantidade em deposito para vender por junto.

Grande sortido de ferragens para construcções, ferramentas, cutilarias, pedras e rebolos de afiar; folha de Flandres, de cobre e de latão; tubos de chumbo e de ferro galvanisado; pregaria, chapa de ferro zincado, etc., etc.

Vendas por junto e a retalho

Agente da Sociedade de Saneamento Aseptico de Lisboa

Diluidores septicos automaticos, esterilisadores e filtros biologicos das aguas

VENDAS A DINHEIRO

Grandes armazens

DE

adubos quimicos

Solfato de cobre—Enxofre—Prensas para lagares—Esmagadores de uvas

ADUBOS COMPOSTOS

Arames zincados—Cimentos: TEJO e MONDEGO

Peçam preços antes de comprar a

Virgilio Souto Ratola

MAMODEIRO

VENDAS A DINHEIRO

Aos srs. mestres d'obras e artistas

LIXAS em papel e em panno.

Recommendam-se as da **unica Fabrica Portugueza a Vapor de Aveiro**, de BRITO & C.ª

Muito superiores ás estrangeiras e mais baratas.

VENDEM-SE em todas as boas drogarias e nas melhores lojas de ferragens.

OFICINA DE CALÇADO E DEPOSITO DE CABEDAES

DE

José Migueis Picado Junior

Nêste estabelecimento encontrarão sempre os seus colégas um colossal sortido de sóla e cabedaes de todas as qualidades, que vende por preços excessivamente módicos em virtude dascondições vantajosas porque obtém aquêles artigos.

Executa-se toda a qualidade de calçado com a maior prontidão e aperfeiçoamento.

Rua 5 de Outubro

AVEIRO